

A FORMAÇÃO DE LEITORES NO ENSINO TÉCNICO E PROFISSIONALIZANTE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Juliana Santos Menezes (IFBA/UESC)
jumenezes2@hotmail.com

Toda atividade pedagógica de ensino de língua portuguesa possui subjacente uma determinada concepção de língua. Nada do que se realiza na sala de aula deixa de estar dependente de um conjunto de princípios teóricos, a partir dos quais os fenômenos linguísticos são percebidos e tudo se decide. Tal decisão engloba a definição dos objetivos, a seleção dos objetos de estudo e a escolha dos procedimentos pedagógicos, das atividades e da forma de avaliá-los. Enfim, em tudo está presente uma determinada concepção de língua, de suas funções, de seus processos de aquisição, de uso e de aprendizagem.

Nessa perspectiva, para discutir leitura, parte-se do princípio teórico de que a língua é uma atividade social e, por isso, heterogênea, indeterminada e calcada em processos históricos e culturais. Assume-se, então, a concepção interacionista, funcional e discursiva da língua, da qual deriva o princípio de que “a língua só se atualiza a serviço da comunicação intersubjetiva, em situações de atuação social e através de práticas discursivas, materializadas em textos orais e escritos” (ANTUNES, 2004, p. 42).

Essa concepção teórica possibilita uma consideração mais ampla da linguagem e, conseqüentemente, um trabalho pedagógico mais produtivo e relevante. Essa visão interacionista fundamenta, portanto, um ensino de língua portuguesa cujo objetivo é a formação de leitores e escritores competentes.

Contudo, a prática escolar de leitura instituiu-se como uma atividade linguística artificial, fugindo totalmente do sentido de uso da língua: são textos cuja leitura é centrada na decodificação e na interpretação superficial das ideias. Tais práticas caracterizam o que Irandé Antunes chama de “linguagem ao contrário” ou “linguagem que não diz nada” (ANTUNES, 2004).

Nessa perspectiva, este trabalho intenta relatar a experiência com práticas leitoras diversificadas que são desenvolvidas em turmas do primeiro ano do curso técnico em informática, da modalidade integrada (en-

sino médio e técnico), com o objetivo de formar leitores que leem porque esta atividade dá prazer e ajuda na formação de um pensamento crítico. O trabalho parte do pressuposto que a leitura é uma atividade de interação entre sujeitos (ANTUNES, 2004) e que para formar leitores devemos ter paixão pela leitura (KLEIMAN, 2001). O desenvolvimento de práticas leitoras como círculo de leituras, roda de leitores, sarau, troca de indicação de livros contribuem para ampliar o repertório de leituras, o que propiciam a interação entre os alunos-leitores e a valorização da leitura como uma fonte de prazer e entretenimento. Além disso, ao vivenciarem a riqueza de situações com leituras de textos diversificados, os alunos desenvolvem leituras críticas, visto que precisam apresentar o que pensam sobre os textos, verificando se discordam ou concordam com o autor, o que faz com que imprimam um julgamento pessoal e tornem-se críticos.

1. A leitura em sala de aula

A prática da leitura, em sala de aula, vem sendo marcada por um clima de obrigação e aversão que em nada contribui para a formação de leitores críticos e apaixonados pela leitura. É repetida a ideia de que a escola não forma leitores e de que aluno não gosta de ler. Entretanto, sabe-se que todo ser humano lê e que a leitura é feita a todo o momento, pois as pessoas estão cercadas por palavras, sons, figuras, avisos, anúncios, gestos, pinturas, expressão facial, imagens que as arrebata e que impõem a leitura instintivamente. Desta forma, não é possível deixar de ler o mundo, já que para isso basta estar vivo, abrir os olhos e sentir a vida que passa a sua frente. Nessa perspectiva, como justificar a falta de gosto pela leitura? Por que ler textos literários não vem sendo uma leitura “de-sejante”?

A resposta é simples: “O verbo ler não suporta o imperativo. Aversão que partilha com alguns outros: o verbo ‘amar’... o verbo ‘sonhar’... (PENNAC, 1990, p. 13). Nesse sentido, observa-se que o aluno não lê, com a gratuidade de que fala Daniel Pennac em *Como um romance*, os livros impostos pela escola, já que esta, na maioria das vezes, é a responsável pela iniciação da criança neste mundo da leitura. É na escola que o aluno aprende certas estratégias de leitura, conhece a biblioteca e suas leis²⁰ e se familiariza com o que “deve” ser lido. O que se observa é

²⁰ Roland Barthes e Magda Soares apontam a biblioteca como um dos fatores que se opõem ao desejo de ler, visto que é um espaço escolar que possui leis de leituras a serem respeitadas: ler em si-

que a escola não oferece a leitura como algo que causa um prazer indescritível. A leitura não é encarada como um mundo onde a realidade se torna compreensível. Conclui-se, com isso, que a leitura, vista deste ângulo, dificilmente é trabalhada como uma atividade aliada ao prazer e isto atesta a incapacidade da escola e da sociedade adulta de iniciar o aluno ao “vício” da leitura. O certo é que a sociedade adulta esteriliza o desejo da ficção que se torna possível apenas aos “viciados” que persistem no prazer e na paixão conhecidos, antes, quem sabe, na infância, descoberto, às vezes, mais tarde, por eficaz iniciação (RODRIGUES, 2000).

Nesse sentido, é necessário pensar o modo como a leitura é sugerida pelo professor, pois é na sala de aula que se podem apresentar propostas de leitura que aproximem os alunos dos textos e os sensibilizem para uma leitura prazerosa, ajudando-os a tornar leitores críticos.

De acordo com os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN), o trabalho com a leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. Por outro lado: contribui para a constituição de modelos: como escrever.

Entretanto, fica difícil atingir tal objetivo se a leitura ainda é centrada na decodificação. A atividade de leitura, geralmente, é proposta totalmente desvinculada dos diferentes usos que se faz da leitura atualmente. São atividades cuja finalidade é o treino, exercícios avaliativos e preenchimento de fichas de leitura.

Nessa mesma linha, a interpretação de texto se limita a recuperar elementos literais e explícitos presentes na superfície do texto. Os elementos privilegiados são aspectos pontuais do texto, deixando de lado a interpretação de fato; os elementos relevantes para a compreensão global (a ideia central, os argumentos defendidos, a finalidade do texto, entre outros).

Além de propor uma leitura que não coincide com o que se precisa ler fora da escola, totalmente desvinculada com as funções sociais da

lêncio, horário para ler e devolver o livro, não dobrá-lo, não riscá-lo. A biblioteca seria um ambiente em que os direitos do leitor quase nunca seriam respeitados.

leitura, sem prazer, sem gosto, puramente escolar, a escola ainda se diz sem tempo para a leitura.

Desta maneira, a queixa de que os alunos não gostam de ler continuará sendo dita pelos professores que nunca irão conseguir formar leitores competentes. “Para formar leitores, devemos ter paixão pela leitura”, nos ensina Kleiman (2001). Ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido. Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler em sala de aula: para a maioria dos alunos ela é difícil demais, justamente porque ela não faz sentido (KLEIMAN, 2001, p. 16).

As atividades de leitura propostas pelo professor são sem sentido pelo simples fato de estarem totalmente desvinculada do princípio teórico que deve estar subjacente à prática pedagógica: “a leitura é uma atividade de interação entre sujeitos” (ANTUNES, 2004, p. 67). Por isso, supõe muito mais que a simples decodificação dos sinais gráficos. Nessa perspectiva, o leitor, como um dos sujeitos da interação, atua participativamente, buscando recuperar, interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pretendidas pelo autor.

Assim, “ler não é decifrar o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos, para cada um reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista”, afirma Lajolo (1982, p. 59).

A leitura seria, então, um processo de interlocução entre leitor/autor mediado pelo texto. Seria um encontro entre o autor, que deixa escrito o que tem a dizer dando significado ao texto, com o leitor que, ao ler, reconstrói o texto na sua leitura, atribuindo-lhe a sua própria significação. Confirma Bakhtin (2003) “a leitura é um encontro de dois textos, aquele que está sendo lido e aquele que o leitor elabora à medida que lê”.

Nesse sentido, supera-se o mito da interpretação única, fruto do pressuposto de que o significado está dado no texto. O significado, no entanto, constrói-se pelo esforço de interpretação do leitor, a partir não do que está escrito, mas do conhecimento que traz para o texto. Cabe ao professor tentar compreender o porquê das diversas interpretações dadas pelos alunos. Talvez tenha sido intenção do autor, provocar interpretações múltiplas, como acontece nos poemas e textos literários; ou talvez o

aluno tem pouco ou nenhum conhecimento sobre o assunto, pode também achar o texto difícil e compreendê-lo mal.

Nesse raciocínio, a leitura e a interpretação dos textos não podem ser reduzidas à prática de identificação de informações eminentemente óbvias, recolhidas em fragmentos linguísticos com base em extratos textuais. Para além da decodificação, a leitura requer a ativação de um conjunto de inferências na interpretação dos textos.

Para compreender um texto, não basta simplesmente lê-lo. É preciso que se dê novos significados a ele. Um texto pode ter vários significados, pode sugerir diversos caminhos, desde que tenha sido compreendido. “Compreensão refere-se à potencialidade de ser e de conhecer aquilo de que se é capaz”, segundo Martins (*apud* SILVA, 2000, p. 26). Esse conhecimento não é proveniente apenas de uma autopercepção do texto, mas resultante de um estado de consciência, de uma consciência presente. Da compreensão chega-se à interpretação, ou seja, à possibilidade de apropriação e de apreensão do que foi compreendido. Na compreensão não ocorre apenas o que os fatos representam, mas também a intenção, as ideias que se depreendem do pensamento do autor. Quando a compreensão torna-se conceituada, ocorre a interpretação.

Para Ezequiel Silva (1986), a leitura deve, em primeira instância, possuir elementos de combate à alienação e à ignorância, por isso deve ser estimulada desde cedo nas crianças. Alguns fatores favorecem para que esse combate ocorra com efetividade na escola: os professores precisam gostar de ler, de ser bons leitores, pois, assim, podem orientar seus alunos para diversas leituras; o acesso a livros na escola e com o professor facilita o contato com a leitura; é preciso trabalhar com os diversos tipos de leitura; leitura por fruição/prazer, leitura para adquirir conhecimento, leitura como estudo de texto, leitura como pretexto para retextualização (debates, dramatizações, resenhas etc.).

A prática de leitura, partindo do princípio da interação, implica a formação de um leitor competente, que, segundo os PCN, é aquele que compreende o que lê, que lê também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos lidos. Seria o “ler levantando a cabeça” do qual Roland Barthes (1988) se refere, momento em que o leitor se faz presente no texto ao passo que debate, questiona, se faz senhor do que foi lido e cria sentido.

Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário por afluxo de ideias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu ler levantando a cabeça? É essa leitura, ao mesmo tempo irrespeitosa, pois que corta o texto, e apaixonada, pois a ele volta e dele se nutre, que tentei escrever. (BARTHES, 1988, p. 40).

Assim, um leitor competente sabe que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto, consegue também justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente (PCN, 1997, p. 54).

Desta forma, a leitura desenvolvida em sala de aula deve partir da diversidade de textos e de objetivos e modalidades que a caracterizam, ou seja, os diferentes “para quês” – resolver problemas, informar-se, divertir-se, estudar, escrever ou revisar o próprio texto – e com as diferentes formas de leitura em função de diferentes objetivos e gêneros: ler buscando informações relevantes, ou o significado implícito nas entrelinhas, ou dados para a solução de um problema.

Para isso, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leituras eficazes, principalmente se o aluno não tem contato, em seu meio social e familiar, com práticas de leituras. Para se formar bons leitores é preciso também que a escola ofereça textos do mundo. São estes textos que a sociedade exige que ele saiba ler.

Cabe ao professor promover leituras diversificadas e diárias de textos autênticos e de formas diversificadas e objetivos diversos. Antunes (2004) propõe o trabalho com a leitura pautada nas seguintes sugestões: uma leitura de textos autênticos que possua uma função comunicativa e um objetivo, que seja possível identificar autor e suporte. A autora sugere ainda o trabalho com textos reais; uma leitura interativa na qual há um encontro entre o texto escrito pelo autor e o texto que o leitor constrói por meio das pistas deixadas no texto pelo autor; uma leitura na qual o aluno compreenda o porquê de estar lendo o texto; uma leitura que permita a compreensão global do texto, assim como a interpretação dos aspectos ideológicos e das concepções que estão implícitas; uma leitura por pura curtição, oferecendo gratuitamente textos no intuito de provocar prazer e conseqüentemente formar leitor.

Percebe-se, dessa maneira, que formar leitores requer uma mudança de postura pedagógica, o que depende da concepção de leitura que

o professor adota. É ela que irá nortear todo o trabalho com a leitura em sala de aula.

2. *A experiência com alunos do curso técnico*

O trabalho com a leitura nas turmas de primeiro ano do curso técnico em informática (modalidade integrada: ensino médio e técnico), do Instituto Federal da Bahia, *campus* Ilhéus, começou no primeiro dia de aula quando os alunos foram motivados a contar um pouco da sua história como leitor.

Com base nas experiências socializadas, notou-se que boa parte da turma, apesar de dizer que não gosta de ler, tem alguma experiência prazerosa com leitura, feita de maneira planejada ou livremente, por puro prazer. Textos dos mais variados gêneros foram citados: desde os romances como *Romeu e Julieta* de Shakespeare, livros de autoajuda, blogs sobre informática, poemas, músicas, livros de suspense, de aventuras e policial. Os livros que foram mais citados, principalmente pelas meninas, foram os da série *Crepúsculo* (*Crepúsculo*, *Lua Nova*, *Eclipse* e *Amanhecer*). Dentre os mais agradáveis para os meninos estão os da série Harry Potter, *Senhor dos Anéis* e aqueles de aventuras e policiais.

Os alunos afirmaram que essas leituras são feitas livremente e que, geralmente, os livros são indicados e emprestados por amigos. Há também aquelas leituras obrigatórias, sugeridas pelo professor. Essas nem sempre atingem o gosto da turma. A maioria declarou que são leituras chatas e que, por isso, leem apenas os resumos ou partes dos livros para fazer a avaliação.

Diante de tais respostas, observa-se que, na realidade, os alunos leem e têm preferência pelas leituras livres, as mais próximas de seus interesses. Tais leituras, de certa forma, são influenciadas pelas vivências deles e, por outro lado, também influenciam na maneira de pensar, agir e se posicionar diante do mundo.

Constatado o gosto pela leitura, foi sugerido que a cada aula um aluno deveria compartilhar uma leitura interessante. Essa leitura poderia ser uma letra de música, um poema, trecho de um livro lido, uma matéria de jornal... Enfim, qualquer texto considerado interessante por eles. Depois da leitura, os alunos foram motivados a falar sobre as impressões que tiveram do texto, era o momento de discussão, troca de opinião, mediado pela professora, na tentativa de aproveitar as leituras feitas. Tais

leituras comentadas, discutidas, associadas com outros textos cumprem os objetivos de socializar o que foi lido, ampliar o repertório de leituras e desenvolver um olhar crítico sobre o mundo que o cerca, já que, segundo Geraldi (2006, p. 86), o aluno-leitor não é passivo, mas gente que está sempre em busca de significações.

Inicialmente, era preciso determinar o aluno que seria responsável por compartilhar o texto. Entretanto, com o tempo, a turma foi constataando o quanto a atividade era interessante e, por isso, sempre havia aluno disposto a socializar o texto que considerava agradável.

A partir desta atividade, foi proposto o projeto *Todo dia é dia de ler* que intenta ampliar o repertório de leituras dos alunos, ao disponibilizar uma variedade de texto. O projeto apresenta ainda propostas que objetivam despertar o gosto pela leitura e desenvolvam os comportamentos leitores (conversar sobre o que foi lido, fazer comentários, indicar leituras, contextualizar a obra, apresentar informações sobre o autor...) de forma que ajudem os alunos a fazerem relação entre a leitura e o mundo, levando-os a ter uma visão crítica e provocando uma melhor compreensão dos dias atuais.

O projeto desenvolve-se semanalmente com atividades diversificadas. A primeira delas foi a roda de leituras. Nessa atividade, os alunos levaram um livro de seu autor preferido, em seguida deveriam ler ou falar sobre um pequeno trecho, como o desfecho ou o cenário, descrição de uma personagem, uma frase impactante do livro que trouxe ou alguma informação relevante sobre o autor.

A atividade foi realizada em roda para que os alunos vivenciassem diferentes comportamentos leitores como: conversar, trocar impressões, fazer indicações sobre os autores trazidos e/ou outros e outras leituras realizadas. A intenção era que no final da atividade cada aluno pudesse escolher um livro apresentado pelo colega para levar para casa e ler. Entretanto, isso não foi possível, pois nem todos os alunos podiam emprestar os livros.

A roda de leitura deveria acontecer na área externa da escola, o que se justifica pela necessidade de se oferecer leituras diferenciadas em locais diferenciados, além de demonstrar que a leitura pode ser feita em qualquer lugar, principalmente aqueles mais agradáveis e aconchegantes. Além disso, intentava-se colocar em prática o sétimo direito do leitor, O direito de ler em qualquer lugar, indicado por Daniel Pennac, no livro

Como um romance (1994). Por uma série de fatores estruturais, a atividade não pôde ser realizada na área externa da escola.

Outra atividade proposta foi a organização e realização de um sarau, que teve como objetivo valorizar a leitura como uma fonte de prazer e entretenimento. Nesta atividade, os alunos fizeram leitura dramática, declamaram e cantaram poemas de sua própria autoria e de poetas brasileiros. Foi uma oportunidade para compartilharem as leituras realizadas ao longo das aulas de língua portuguesa, assim como incentivar toda a comunidade da escola a mergulhar no universo da leitura. Foi um convite ao encantamento, ao sonho e à poesia, no qual os alunos vivenciaram momentos prazerosos com as leituras de sua própria escolha.

Após a realização do sarau, as turmas foram incentivadas a construir um blog, para que eles pudessem socializar as leituras, indicar livros, postar resenhas e compartilhar as experiências, impressões, opiniões e descobertas.

Nestas práticas leitoras, foi dado ao aluno o direito de ler aquilo que lhe fazia sentido, mesmo que fossem textos simples. A intenção foi associar a leitura na escola com o lúdico, o prazer da descoberta e a emoção.

O projeto ainda está em desenvolvimento, por isso nem todas as práticas leitoras foram realizadas ainda. Atividades como círculo de leituras, leitura na biblioteca, encontro com autores e leitura de imagens fazem parte do projeto. Todas essas atividades propõem a leitura numa perspectiva interacionista e pretendem envolver, além das leituras livres, leituras de textos indicados pelo professor, com o intuito de incluir textos que quebrem os paradigmas do aluno, promovam a reflexão, ajudando-o a ampliar seus horizontes. A intenção é ajudar o aluno a ler os textos diferentes com a mesma dedicação com que lê os textos de seu gosto. Da mesma forma, intenta-se fazer com que os leitores de mundo passem a ler o mundo da palavra com a mesma eficiência, ratificando aquilo que foi dito por Paulo Freire “A leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (1986, p. 22).

3. Considerações finais

A prática da leitura tem sido motivo de discussão no meio acadêmico devido o fato de os alunos, em sua maioria, se recusarem a fazer

leituras, preferindo outras atividades, já que as leituras que lhes são oferecidas não trazem significados para eles. Entretanto, tal realidade pode ser modificada se o professor mudar a sua postura pedagógica, tendo a visão interacionista da leitura como a base para a sua experiência didática. É importante que tal profissional saiba que sem uma melhoria nas atividades que envolvam o ato de ler, e conseqüentemente sem evolução na prática pedagógica, as práticas leitoras propostas estarão condenadas à rotina e ao tédio. E, como consequência, os alunos continuarão afirmando que preferem outras atividades ao ato de ler. O primeiro passo para isso seria o professor demonstrar ser um bom leitor, pois é quase impossível sensibilizar os alunos para a leitura, caso o professor não demonstre o gosto por ela.

Nesse sentido, é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler usando os procedimentos que os bons leitores utilizam, como: antecipar a informação, fazer inferência a partir do contexto e do conhecimento prévio, compreender quem, por que e para quem o texto foi escrito. Tais procedimentos podem ser desenvolvidos quando o professor propõe, inicialmente, práticas leitoras cuja principal motivação seja o prazer de ler e compartilhar ideias, como aconteceu no projeto *Todo dia é dia de ler* que está sendo desenvolvido nas turmas de primeiro ano do curso técnico (modalidade integrada com o ensino médio), do Instituto Federal da Bahia, *campus* Ilhéus.

O projeto apresenta atividades de leituras livres e planejadas que intentam contribuir para a formação de leitores críticos. As práticas leitoras que envolvem leituras livres são trabalhadas no sentido de fazer com que os alunos entendam que ler pode ser divertido e que as leituras que despertam o interesse deles também podem ser valorizadas. A partir de tais práticas, pode-se partir para leituras mais complexas, que podem ser planejadas pelo professor, com o objetivo de enriquecer o repertório de leituras. Assim, pode-se contribuir para a reflexão e a formação de leitores que tenham uma visão crítica, de forma a entender, opinar e interagir na sociedade na qual estão inseridos. As práticas leitoras desenvolvidas no projeto tem demonstrado que é possível incentivar o gosto pela leitura de modo a formar leitores que leem porque esta atividade dá prazer, além de contribuir para a formação de um pensamento crítico.

Por meio de atividades que envolvam diferentes práticas leitoras (roda de leitores, ouvir histórias, troca de indicações de leituras, círculo de leituras, encontro com autores, visita à biblioteca e sarau) foi possível ampliar o repertório de leituras, propiciar a interação entre alunos-

leitores, oportunizar a troca de indicação de leituras e valorizar a leitura como uma fonte de prazer e entretenimento.

O desenvolvimento de práticas leitoras diversificadas, como as sugeridas no projeto *Todo dia é dia de ler*, tem demonstrado que trabalhar a leitura sem fins avaliativos, para conduzir a paixão pelo saber, a paixão pelo ato de ler é uma porta de entrada para outras leituras, principalmente para aquelas que o mundo globalizado exige dos nossos alunos.

Percebe-se que o trabalho com leitura pode acontecer de forma significativa e eficaz quando se considera a concepção interacionista da linguagem, apresentando uma variedade de textos e de práticas leitoras e tendo o prazer como princípio. Assim, é possível formar leitores competentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Irandé. *Aula de português - encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Ática, 2003
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- GERALDI, João Wanderlei. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2006.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: _____. *A importância do ato de ler: em três textos que se completam*. 3. ed. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1986.
- KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas. São Paulo: Pontes, 2001.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. São Paulo: Ática, 1982.
- PARÂMETROS Curriculares Nacionais: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, 1997.
- PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- RODRIGUES, Sônia. Leio, logo vivo. In: *Leia Brasil*. Disponível em <<http://www.leiabrasil.org.br>>. Acessado em: 28 de setembro de 2011.
- SILVA, Ezequiel. *Leitura na escola e na biblioteca*. São Paulo: Papirus, 1986.
- _____. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia de leitura*. São Paulo: Cortez, 2000.